



Intervenções Urbanas: a convergência da arte e comunicação em ambientes espaciais e culturais, sob um olhar estético e de significação¹

Claudia Vasconcelos Baccile²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

A proposta do trabalho é analisar as intervenções urbanas como um modelo comunicacional, especialmente a partir de 1990 quando se consolida no Brasil, com ênfase na cidade precursora de São Paulo. A razão para isto decorre do crescimento de manifestações urbanas no cenário atual, demonstrando assim que a arte e a comunicação estão convergindo cada vez mais. Os resultados são indivíduos interventores que buscam um novo formato de comunicação com a sociedade juntamente com o afeto pela cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Intervenção; cidade; comunicação; estética; significação.

TEXTO DO TRABALHO

1. Definição do problema

Em todos os tempos, os humanos recorrem a maneiras de expressão, de manifestação de sentido e comunicação, sejam estas de maneiras verbais ou não. Um exemplo claro são os desenhos feitos nas grutas de Lascaux, revelando que desde aproximadamente 17.000 anos atrás nossos ancestrais não só se comunicavam com gestos e verbos, mas também através da expressão artística.³ As intervenções surgem no cenário atual não somente como uma arte, no caso de maneira conceitual, mas também como uma nova maneira de se expressar e comunicar. Fala-se muito em comunicação escrita e verbal, visto que são as mais utilizadas no dia a dia. A escrita que é feita através de símbolos criados e aceitos convencionalmente passa por uma significativa revolução e evolução através do gráfico alemão Gutemberg, com sua disseminação de

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Mestrando do Curso de Comunicação da FAC-UnB, email: claudiabaccile@gmail.com

³ Da mesma forma a revolução através dos meios de comunicação de massa aos quais os indivíduos são expostos cotidianamente, uma experiência que só foi inaugurado no século XX (Santaella, 2005).



conhecimentos em massa, sendo o primeiro no mundo a usar tipos móveis. Estes são a maneira que a escrita tem de se expressar de forma mais rápida e econômica, ou seja, a simbologia escrita ganhando maior espaço no mundo moderno e agilizando os processos comunicacionais. A partir daí tem-se espaço para criar novas fontes, ou seja, novos formatos para os caracteres das letras, impulsionando assim a estética por detrás da grafia.

Atualmente não se faz diferente, os humanos sempre estão em processo de evolução e, conseqüentemente, sua forma de se comunicar também, mas a comunicação está lá, sempre presente no cotidiano. Isto se dá, em síntese, ao fato de que a comunicação existe para satisfazer necessidades (Sousa, 2006) logo, está intrinsecamente ligada a sobrevivência. Podem-se passar tempos e eras, mas enquanto houver um ser vivo no mundo a comunicação jamais será extinta; suas maneiras de se comunicar sim, como exemplo, o telegrama, mas ela em si não. “Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem” (Santaella, 1995). Dotado de tal complexidade, para o ser humano sobreviver somente não basta, é preciso ir além, experimentar vivências, construir e identificar significados, e é aí que surge o desenvolvimento pessoal. A expressão artística está vinculada a esse desenvolvimento e por isso a crescente manifestação da mesma no mundo moderno.

A comunicação é definida como um processo (Berlo, 1985 apud Sousa, 2006), e não se sabe ao certo quando se dá o seu encerramento. Da mesma maneira ocorre com boa parte das intervenções urbanas; o desenvolvimento se dá desde o criativo e imaginário até o ir à rua e concluir o trabalho em si. Não há um término bem definido, apesar de sua grande efemeridade, pois mesmo que o trabalho em si se desfaça, desapareça ou degrade (seja por interferência humana ou condições climáticas), quem poderá dizer que não há pessoas citando e relembrando o trabalho, ou quem garante que não há uma fotografia registrando o trabalho e ainda comunicando a outros indivíduos sobre ele?

No Brasil, a intervenção, considerada uma vertente da arte urbana, se consolida de fato em meados de 1970, dez anos após sua origem, quando grupos artísticos decidem tornar a rua um espaço de investigação e expandir a noção de obra de arte, cumprindo assim o papel da arte conceitual.⁴ São exemplos de grupos pioneiros nessa

⁴É possível afirmar que a arte conceitual, campo ao qual as intervenções pertencem, teve o mesmo papel que o Cubismo e suas correspondentes atmosferas artísticas acompanhantes, que ocasionaram mudanças



expressão: *Manga Rosa*, criado em 1978, *Viajou sem Passaporte*, também fundado em 1978 por sete estudantes da USP e *3nós3*, com sua origem em 1979. Sem deixar de citar também artistas como Flávio de Carvalho, modernista brasileiro, Helio de Oiticica, Cildo Meireles e Artur Barrio, este sendo luso-brasileiro. As intervenções urbanas surgem através da interação do objeto artístico com o meio urbano. É a experiência estética – esse encontro do indivíduo com o objeto a ser experimentado por ele – que vem produzir uma nova forma de percepção a respeito do cenário urbano; cria afeto com a cidade de maneira informal, saindo totalmente do objetivo funcional cotidiano. A arte em situação de intervenção desloca os signos de realidade para instaurar a própria vivência do espaço urbano. Ocorre o que Calvino (1990) disse quando cita que a imaginação arrasta a mente para longe. É a imagem acústica em ação e o símbolo como *dínamos* (poder e emoção). É a remodelação dos processos criativos e expressivos, em que a ideia da obra é valorizada acima do produto acabado.

Essa vivência do urbano, esse afeto pela cidade, culmina no objetivo principal das intervenções, que é fazer do espaço público um lugar de estética e significação. Os signos são expostos com o objetivo de interromper, de chamar o olhar do experimentador quebrando sua rotina através da comunicação de uma mensagem para que ocorra uma transformação ou reação seja em qual plano for. Artistas envolvidos com intervenções estão interessados nessa aproximação da vida cotidiana através de um novo olhar, de se inserir no tecido social, e para isso usam de sua forma artística de se comunicar. “A comunicação liga-nos à rede de seres humanos, mas também partilha de pensamentos, sentimentos, opiniões e experiências” (Gill; Adams, 1998, p. 42 apud Sousa, 2006).

A intervenção urbana pode ser considerada o elo da arte com a comunicação e, não obstante, a descentralização da arte como fruto comercial. O indivíduo não precisa ir ao museu ou ter grande poder aquisitivo para ter acesso a uma intervenção, visto que ela está exposta no cenário urbano. Todos que passam no local escolhido pelo artista interagem com a arte, sendo assim, a arte torna-se mais democrática. A efemeridade e reversibilidade são outras características presentes nas intervenções e chamam a atenção para alguns questionamentos a respeito dos “porquês” de se concretizar esse tipo de arte. Colocar algo exposto ao público, exposto na rua, é correr riscos. Um dia a obra

na arquitetura, publicidade, nas artes e ciências em geral (Merrell, 2012). A arte conceitual vem acompanhada de um desejo transformador afetando não somente a chamada arte em si, mas também a maneira de se expressar e de se comunicar humanamente. Sai das raízes mais rígidas e absolutas para dar vazão ao concretizar da imaginação humana.



pode estar lá e no outro não. Podem ter levado para casa, ou quem sabe alguma autoridade ter retirado por julgar inapropriado ou, até mesmo, a obra pode ter sido degradada. Como citado anteriormente, a intervenção não visa no objeto em si, mas no interesse da obra, sendo assim, não há tanta importância caso a obra acabe logo, mesmo que o desejo e objetivo sejam o de durar e comunicar o quanto for possível. Da mesma forma que há a efemeridade, há a rápida comunicação e percepção da obra, visto que ela está em espaço público, logo, rapidamente seu propósito é cumprido. E é nesse quesito que o artista interventor se baseia e se importa, solucionando assim qualquer questionamento que se assume a partir do efêmero. Outra atitude comum para solucionar a efemeridade são as fotos e vídeos feitos como forma de registro da arte, podendo ser posteriormente transformados em documentário.

Obstáculos são de fato muito comuns em intervenções, pois o suporte para concretizar a obra não são os usuais objetos entre quatro paredes (papel, tela, computador) e sim “a utilização da própria urbe nesse processo de comunicação alternativa” (Russi, 2013, p. 48). O interventor supera as dificuldades pelo objetivo final da obra, “o meio não é o material e sim a função” (Russi, 2013, p. 48), transformando assim o suporte em espaço comunicacional. Trata-se da interação com a cidade vinda não somente do experimentador da obra, mas de quem a faz também.

Esse tipo de arte vem com o intuito de criar questionamento através de sua estética e mensagem⁵, trazendo a realidade da significação em si, o estranhamento de parecer ser algo, mas não ser, assim como uma das mais famosas obras de René Magritte “ceci n’est pas une pipe” (Isto não é um cachimbo)⁶. A obra faz parte de uma série de pinturas intitulada “A traição das imagens”, abordando assim justamente essa relação de estranhamento entre a realidade e o significado. Magritte vem, através da obra, convidar o indivíduo experimentador da estética a viver uma realidade paralela.

Cabe ressaltar que a comunicação é considerada um agente transformador e não somente um deslocamento de dados (Russi, 2013, p.49). Ela necessita ser entendida na ordem do simbólico (toda associação vem pela percepção do sentido); é a relação entre o objeto e uma mente interpretante, exigindo desta uma percepção e um esforço de

⁵ Retirado do estudo publicado no site:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882

⁶Quadro do artista belga René Magritte, que retrata a imagem de um cachimbo. Inicialmente deve-se lembrar que o nome do trabalho do belga não é um contrassenso, já que, óbvio, ninguém fumaria o quadro. Então, algo extremamente lógico – mas pouco lembrado – vem à tona: o que temos diante de nós é apenas uma imagem que representa um cachimbo e não o próprio utensílio para fumar. Em suma, não temos o objeto mas uma imagem dele.



entendimento estético visual. Isso se dá visto que o interventor não responde ao questionamento citado e sim dá pistas, índices, e cabe ao experimentador estético dar sentido ao que vê, transformando e modificando os sentidos pelo contato com o real. É a concretização dos sentimentos que o experimentador, ao contemplar a obra, pode vir a sentir. O *studium* e o *punctum*, citados por Roland Barthes (1976) em seu livro a *Câmara Clara*, são usados a respeito da fotografia, mas o que é a fotografia senão mais uma manifestação artística, mais uma forma de expressão, de se comunicar, sendo ela tão carregada de estética, símbolos e significados. Sendo assim, pode-se experimentar que as análises nominadas por Barthes (1976) de *punctum* e *studium* podem ser aplicadas também às intervenções urbanas, bem como qualquer outra expressão artística. Uma intervenção urbana pode ter um caráter estético geral, ou seja, o encontro do indivíduo com o objeto se dá de maneira “*afecto médio*” (Barthes, 1976) e aqui se tem o *studium*. Ou de maneira a fazer saltar a percepção do indivíduo com relação ao objeto “como uma flecha e o trepassa” (Barthes, 1976), sendo assim o *punctum*.

1. Justificativa

A intervenção urbana será tratada neste projeto como um novo modelo comunicacional, percebida e objetivada na convergência entre arte e comunicação. Por ser uma ideia recente, no quesito comunicacional, é pouco estudada e difundida, necessitando assim de um parecer mais minucioso a respeito. Questionamentos como: o que são essas intervenções? O que significam? Como o governo pode lidar com isso? Até onde o espaço é público de fato? Podem e precisam ser respondidos e até mesmo culminarem em leis que protejam a obra urbana, bem como seu interventor. Em um país onde e a liberdade de expressão deve ser livre, isso se estende também à expressão artística, indo mais além, à comunicação através da arte. A abordagem do tema é necessária devido ao crescente número de manifestações urbanas no Brasil, sendo mais consolidada ainda no cenário internacional.

Percebe-se então que se trata de algo difundido mundialmente, já com surgimento de empresas especializadas em intervenções urbanas no Brasil. Pode-se concluir isso através de notícias em sites especializados em design, arte e criatividade, bem como em sites de notícias cotidianas, em que abordam a manifestação urbana até mesmo no



cenário político.⁷ Torna-se necessária então a construção de um conceito mais definido sobre o que de fato é essa nova maneira de expressão que tem provocado mudanças não somente no âmbito artístico, mas no cenário sociocultural e publicitário. Pretende-se identificar como a sociedade tem sido impactada pelas intervenções, o que se pensa a respeito e que medidas devem ser tomadas para que surja uma conscientização sobre o tema. A intervenção deve e pode convergir com a sociedade, este é um dos seus principais objetivos.

Não é à toa que cidades que se encontram como precursoras nesse movimento atualmente possuem instituições educacionais que se voltam para essa temática, bem como ministram cursos a respeito, como no caso de São Paulo. Através da estética e significação desse movimento de intervenções, pode-se identificar o que antes era dado como polêmico, que a mensagem plástica já comunica por si só. Esse novo conceito foi trazido à tona pelo grupo *Muu* por volta de 1996; até então essa ideia era desconsiderada no mundo acadêmico. Assim sendo, é recente que essa nova forma de se comunicar começou a ser conceituada no mundo, logo, se torna ainda necessário um aprofundamento no tema em questão. Além disso, se vê a problemática do que de fato é o espaço urbano, o quão público de fato ele é, bem como as regulamentações a respeito do seu uso, se de fato regulamentações são plausíveis para o cidadão pertencente a esse espaço e admissíveis mediante à liberdade de expressão. No cenário atual em que se vive na civilização das imagens, com o difundir de intervenções e a eclosão da arte e comunicação, não é possível se calar diante da importância e necessidade do desenvolvimento do tema em questão.

2. Objetivos

- Objetivo geral: problematizar e desenvolver o conceito de intervenções urbanas no Brasil através do elo entre estética e significação, comunicação e processos visuais, tendo como amostra a cidade de São Paulo desde 1990 até os dias atuais.
- Objetivos específicos:
 - Estudar a evolução do movimento de intervenções urbanas no Brasil.

⁷ Reportagem de 09/09/2014 do site do Correio Braziliense publica a intervenção urbana da ONG, que instala um boto cor-de-rosa inflável em frente ao Congresso Nacional. A obra tem por significado o pedido de antecipação da proibição da pesca da piracatinga. Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/09/02/interna_cidadesdf,445237/ongs-colocam-boto-inflavel-no-gramado-do-congresso-e-entregam-peticao.shtml>. Acesso em: 09 set. 2014.



- Avaliar o impacto das intervenções urbanas sobre a sociedade e o governo do país bem como o conceito que os mesmos têm a respeito das intervenções hoje.
- Identificar como a estética e a comunicação estão associadas às intervenções urbanas, bem como compreender seus processos de significação semânticos e visuais.
- Identificar as variadas formas de manifestações das intervenções urbanas, explorando desde os materiais utilizados para concretizá-las até as dificuldades de expor a obra no espaço urbano.
- Estudar como amostra os trabalhos de principais artistas urbanos, com foco no Brasil (São Paulo) e em uma pequena amostragem internacional.

3. Metodologia

O objetivo principal deste trabalho é a análise semiótica, estética e comunicacional através das intervenções urbanas, no período de 1990 até o presente momento. Para isso serão estudados, como referência, trabalhos urbanos realizados por artistas brasileiros, estando o foco da pesquisa nestes, e pelos principais artistas do cenário internacional. Sendo assim, serão identificados e categorizados não somente os principais trabalhos realizados e a maneira como atuam sobre a sociedade, mas também os tipos de intervenções mais escolhidas como forma de expressão no dado recorte temporal.

Boa parte da pesquisa virá de livros brasileiros sobre intervenções, espaço urbano e criatividade, bem como livros em inglês a respeito dos mesmos, disponíveis tanto *online* como fisicamente e matérias e entrevistas disponíveis na revista de design *Zupi*, disponível tanto no formato virtual como físico. A pesquisa se concentrará também em sites oficiais dos artistas estudados como amostra, bem como suas redes sociais, tendo como destaque internacional o artista Banksy e o artista Eduardo Srur como destaque nacional, munindo assim a pesquisa com imagens das intervenções e atualidades das manifestações. Seguindo assim, tem-se também o material para estudo através de exposições correntes em Brasília e em São Paulo, e análise de empresas recém criadas para oferecerem o objeto de estudo como produto para divulgação publicitária. Partindo do ponto semiótico, estético e comunicacional, as análises serão feitas através de livros publicados fisicamente, tendo como referência alguns autores como Lúcia Santaella e Herman Parret, entre outros.



O desenvolvimento do projeto se concentrará principalmente através de pesquisa exploratória e documental, usando como procedimento técnico a pesquisa de campo. Para isso serão realizadas viagens a cidade de São Paulo onde as obras poderão ser categorizadas através de registros fotográficos. Assim, proporciona-se maior familiaridade com o problema, podendo explicitá-lo com mais clareza e realizando entrevistas com artistas interventores. A análise tem como foco as obras urbanas em si, destrinchando-as e trazendo como resultado as respostas para as perguntas do tema proposto: qual o valor estético? Qual a significação? O que a obra comunica? As fontes secundárias e o cunho qualitativo da pesquisa ajudarão não somente a entender o desenvolvimento do tema no recorte geográfico e temporal, bem como problematizar leis e conceitos a respeito do mesmo. Através das análises dos devidos materiais e consequente identificação dos objetivos torna-se assim possível a ligação entre as duas partes estudadas (arte e comunicação), analisando a primeira pelo olhar da segunda.

REFERÊNCIAS

Livros:

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
_____. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BENTZ, Ione; PINTO, Milton; RUBIM, Antônio (Org). **O olhar estético na comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BEY, Hakim. **Zona Autônoma Temporária (TemporaryAutonomus Zone): parte 1**. Rizoma.net, 2002, p. 213-226. Disponível em: <http://www.intervencaourbana.org/rizoma/rizoma_intervencao.pdf>. Acesso em: 05 out. 2014.

BÜTTNER, Claudia. **Projetos artísticos em espaços não-institucionais de hoje**.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOWNEY, Brad. **Spontaneous Sculptures**. Berlim: Gestalten, 2011.

Eco, Umberto. **A estrutura ausente**. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.



- _____. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- _____. (org). **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. (org). **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. **Tratado geral da semiótica**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- FERRARA, Lucrecia. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- GIANNOTTI, José Arthur. **O jogo do belo e do feio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HUEBNER, M; KLANTEN, R. **Urban Interventions: personal projects in public spaces**. Berlim: Gestalten, 2010.
- JENKINS, Mark. **The urban theater**. Berlim: Gestalten, 2012.
- KOTHE, Flávio. **Ensaio de semiótica da cultura**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A conversão semiótica: na arte e na cultura**. 21. ed. Belém: EDUFPA, 2007.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MERRELL, Floyd. **A Semiótica de Charles S. Peirce Hoje**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.
- MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editora Estampa, 1997.
- PALLAMIN, Vera M. **Arte urbana como prática crítica. Cidade e Cultura. Esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 103-110.
- _____. **Cidade e Cultura. Esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 73-102.
- PARRET, Herman. **A estética da comunicação: além da pragmática**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Senac, 2003.



REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter (Org.) **Cidades criativas – perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Produções, 2011.

RUSSI, Pedro (org). **Processos semióticos em comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo**. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2. ed. Porto: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2006.

SRUR, Eduardo. **Manual de intervenção urbana**. São Paulo: BEI, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VELLOSO, Beatriz Pimenta. **Dias & Riedweg: alteridade e experiência estética na arte contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

Sites:

Itaú Cultural, Aplicações Externas. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Site oficial – Banksy. Disponível em: <<http://www.banksy.co.uk>>. Acesso em: 26 mar.2015.

Site oficial – Eduardo Srur. Disponível em: <<http://www.eduardosrur.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2015.



Artigos:

MENDES, Eloísa. Cidades instáveis: intervenção artística como experiência heterotópica do espaço urbano. **Opercevejo on-line**, Rio de Janeiro, Vol. 04, No. 02, p. 1-19, 2012. Disponível em:<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/viewFile/2923/pdf_736>.

Acesso em: 10 mar. 2015.

CARTAXO, Zalinda. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. O Percevejo Online, Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO, 2010.